



**O PAPEL DAS REDES GEOGRÁFICAS DO SAGRADO NO TURISMO REGIONAL:
O caso do Santuário de São Severino Mártir do Engenho Ramos
Paudalho/PE**

Alba Lúcia da Silva Marinho*

Resumo

A análise ocorre no contexto das redes geográficas, mais precisamente na investigação da existência de uma rede interligando os centros de devoção situados no estado de Pernambuco, a partir do Santuário de São Severino Mártir do Engenho Ramos. Os resultados apontam na confirmação de uma rede predominantemente regional, de frequência periódica e eminentemente informal, que tem em São Severino seu centro nodal. É um sistema aberto que apresenta padrões de interações múltiplos, conectados através de fluxos de ordens variadas onde os centros de romaria têm destaque, entretanto, essa não é exclusivamente uma rede geográfica do sagrado. Evidencia-se que a religiosidade representa um relevante potencial para o turismo regional, ainda não explorado economicamente pelo mercado formal.

Palavras-chave: redes geográficas; geografia cultural; Santuário de São Severino; turismo religioso; religiosidade.

Tomando por base de pesquisa o Santuário de São Severino Mártir do Engenho Ramos, localizado no município de Paudalho, este trabalho tem por foco investigar a existência de itinerários de deslocamentos sócio-espaciais, realizados por meio de excursões com duração máxima de até 24 horas, que possam ser configurados como uma espécie de rede geográfica do sagrado, interligando os centros de devoção situados no estado de Pernambuco, Brasil.

Sabe-se que, acentuadamente em tempos de globalização, a construção do espaço cultural não se esgota, mas está em constante mudança: uma que é interna, resultante da dinâmica do próprio sistema cultural, e uma segunda que é o resultado do contato de um sistema cultural com um outro. Se no primeiro caso geralmente acontece de uma forma mais lenta, no segundo pode se dar de maneira bem mais rápida e até mesmo brusca.¹

Um aspecto a ser destacado é que esta investigação está pautada sob o prisma da cultura, onde a geografia, a religiosidade e o turismo são vistos como uma possibilidade de formação humana constituinte de novos sujeitos que, por meio desta vivência,

* UFPE, doutoranda em geografia, albamarinho@yahoo.com.br

percebiam-se como cidadãos inseridos no contexto social como produto e produtores da cultura e do espaço geográfico.

Referência nos estudos sobre redes, em sua já clássica trilogia² diz Castells que as redes formam um conjunto de nós interconectados e, como estruturas abertas, tendem a se expandir, gerando novos nós. As redes constituem a morfologia social de nossas sociedades, e a difusão da lógica de redes modifica a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura. Ele reconhece que isso não é novo, a novidade está na existência de uma base material para a sua expansão na estrutura social.

Castells destaca que a revolução da tecnologia da informação forneceu a base para a criação de uma nova economia informacional, global e em rede. E nesse mundo globalizado e de mudanças drásticas, a busca da identidade é tão poderosa quanto às transformações tecnológicas e econômicas. Assim, as pessoas tendem a reagrupar-se em torno de identidades primárias: religiosas, étnicas, territoriais e nacionais.

Na perspectiva das identidades primárias religiosas, produto de inúmeras relações entre as pessoas, instituições e processos de formações, também poderia ser identificada uma teia de ações e fluxos estruturados em redes. Nesse viés, esta abordagem se volta às dimensões de análise das redes de acordo as propostas de estudiosos da Geografia Cultural.

Roberto Lobato Corrêa, para quem um conjunto de localizações geográficas interconectadas pode ser constituído tanto por ligações materiais quanto imateriais, propõe as dimensões organizacional, temporal e espacial como forma de identificar a configuração interna da entidade estrutura em rede, sua duração, a velocidade dos fluxos e a frequência como a rede se estabelece.³

Estudando mais especificamente a Geografia da Religião, Zeny Rosendahl entende que o conceito de rede aplica-se à rede simbólica, qualificado-a como formal ou informal, hierárquica ou não, periódica ou permanente, planejada ou espontânea, dendrítica ou complexa. E quanto à escala espacial, se ela é de âmbito local, regional ou nacional.⁴

A caracterização do comportamento e do sistema de representações do universo investigado só pode ser feita de uma maneira mais conseqüente, à medida que seja evidenciado o fato de se inserir em uma sociedade complexa, fazendo parte e relacionando-se com outros grupos e setores da sociedade. Pois, é impossível analisar a cultura por si mesma, já que ela é parte de uma série de relações onde “os múltiplos

planos de processos sociais e culturais se entrecruzam, compondo uma intrincada rede de relações”.⁵

Sendo a romaria ao Santuário* de São Severino uma construção cultural geradora de uma guinada na sobrevivência econômica da propriedade, é no passado do engenho que está o fundamento da prática contemporânea. Assim, a investigação se desenvolve em duas vertentes dialéticas. Uma primeira, que investiga no passado a origem das romarias em devoção a São Severino, entendida como uma construção social inserida nas circunstâncias históricas e espaciais que propiciaram as condições para a sua gênese e consolidação. A segunda vertente, detendo o olhar no presente, voltou-se à análise das práticas atuais com vistas à confirmação ou não da existência da rede.

Nada indica que o Ramos teve maior destaque como unidade produtiva açucareira, mas sabe-se que, de forma geral, a segunda metade do século XIX foi um período em que o número de engenhos foi ampliado, e que foram implantadas as modificações tecnológicas. Porém a partir dos anos 90 até a primeira década do século XX, houve um decréscimo do número de engenhos e da produção açucareira. Antes, quando a proliferação dos engenhos centrais provocou um “boom” na produção, tornou-se necessário um transporte mais eficaz e mais rápido para a entrada do açúcar na praça do Recife.⁶

Além de reduzir os custos do transporte, as ferrovias promoveram significativas transformações sócio-espaciais. Em 1875 a Great Western Railway of Brazil Company, empresa de origem britânica, conseguiu a concessão para construir em Pernambuco uma ferrovia ligando o Recife a Limoeiro, passando por Caxangá, São Lourenço da Mata, Pau d’Alho e Tracunhaém, com ramais para Nazaré da Mata e Vitória de Santo Antão. O primeiro trecho Recife-Pau d’Alho ficou pronto em 1881,⁷ e uma estação de parada ficava no Engenho Ramos, bem próxima a sua capela. É provável que esse evento tenha influenciado na difusão da devoção, o que justificaria a necessidade da obra de ampliação da capela alguns anos depois, em 1906.

Ampliada a capela, São Severino ainda dividiu seus domínios com o canal do Ramos e a produção agro-industrial até o ano de 1924, quando o engenho ficou de fogo-morto. Da antiga linha férrea, o trilho hoje é usado apenas para passagem de trens de

* O termo “santuário” é aqui utilizado no seu sentido mais tradicional e objetivo: local de culto que o povo transformou num particular centro de devoção. Já a “romaria” é entendida como a visitação que o povo faz ao centro de devoção, seja como expressão de veneração ao santo, seja como cumprimento de promessas pelas graças já recebidas.

carga. A pequena estação foi demolida nos finais dos anos oitenta do século XX. O fato é que a conjunção das formas pretéritas aos velhos e novos usos e funções, convivendo em uma mesma porção territorial, gerou uma dinâmica nem sempre harmônica, e diversos atores sociais passaram a agir em prol de seus interesses e necessidades.

Assim, a história recente do santuário tem se caracterizado por um emaranhado de interesses que se interpõem e se mesclam em questões de poder/legitimidade. Por ser uma propriedade privada, o monopólio do significado e do uso, que normalmente ficaria por parte da igreja, cede lugar à atuação dos proprietários. Os atuais herdeiros, inventariantes, por sua vez parecem não chegar a um consenso.

Procurando-se analisar a diversidade dos discursos e pontos de vista que se fazem presentes, fica claro que para os políticos e o poder público em suas diversas esferas, existe uma tendência em qualificar o espaço sagrado como um espaço turístico, mais especificamente ligado ao segmento do *turismo religioso*^{*}, ou seja, o santuário torna-se um produto a ser vendido e consumido, além de representar muitos votos não apenas para Pernambuco, como também para diversos outros estados, principalmente os geograficamente mais próximos, ou ainda aqueles onde existe uma maior presença de imigrantes nordestinos.

No ano de 2002 o então governador do estado, Jarbas Vasconcelos, ao inaugurar obras em Paudalho, reconheceu ser preciso ter muita competência para driblar as dificuldades locais dos partidos aliados, o motivo, segundo a imprensa, seria que “a briga por espaço político é grande porque a cidade abriga um dos maiores centros de romaria do Nordeste”.⁸

Esta afirmação fica melhor evidenciada quando se vê um uso político mais recente: Logo ao ser eleito presidente da Câmara dos Deputados, Severino Cavalcanti, recebeu de um de seus aliados, o deputado Wladimir Costa Rabelo (PMDB-PA), projeto que tornaria São Severino padroeiro do legislativo brasileiro. Em virtude do afastamento do dirigente parlamentar, por estar envolvido em denúncias de extorsão, não é de se esperar que o projeto venha a ser aprovado.

Mas a ligação de Severino Cavalcanti com o Santuário é bem mais antiga, em meio aos ex-votos da *Sala dos Milagres* existe uma propaganda do então deputado

* Segundo Andrade, o turismo religioso engloba o conjunto de atividades com utilização parcial ou total de equipamentos e a realização de visitas a lugares ou regiões que despertam sentimentos místicos ou suscitam a fé, a esperança e a caridade nos fiéis de qualquer tipo ou em pessoas vinculadas a religião. ANDRADE, José. *Turismo: fundamentos e dimensões*, São Paulo: Pioneira, 1991, p.77.

estadual, datada dos anos setenta. E no Domingo de Ramos do ano de 2006, dia de maiores festejos em louvor ao santo, o ex-presidente da Câmara era visto caminhando junto aos romeiros entre acenos, apertos de mãos e poses para fotografias.

Na esfera do poder municipal, fica clarificada a adoção de uma tendência impulsionada por teóricos do turismo, comumente assimilada por planejadores, de que cada localidade deve ter a sua identidade no mercado. Assim São Severino não é do Ramos, vai além, é formador de uma identidade municipal: “Paudalho é a terra de São Severino”.

Isto é o que vê e se lê em toda publicidade municipal e em placas de realização de obras públicas. No entanto, essa opção tem mostrado seus limites. Internamente, para os paudalhenses, a principal festa religiosa é em louvor de São Sebastião. Uma possível justificativa para o santo de casa não fazer milagres, pode ser encontrada em Abumanssur, quando diz que os santos da casa estão atentos ao dia-a-dia, ou seja, pode-se dizer que é “ele o responsável pelo correr regular da vida. No entanto, se algo sai dos conformes, somente apelando para uma força extra (...) quanto mais distante das coisas cotidianas, mais miraculoso é o santo”.⁹

Na análise da natureza sócio-econômica do local sagrado, cabe destacar que a romaria ao Santuário de São Severino acontece em fluxo contínuo, principalmente aos domingos, crescendo o número de romeiros a partir do mês de setembro até a chegada do Domingo de Ramos*. Neste dia de maior festejo a multidão costuma ser estimada em 30 mil pessoas.¹⁰ No entorno do local de devoção sobrevive um variado comércio.

O crescimento do comércio no local pode ser melhor entendido tomando-se como marco a morte de um dos proprietários das terras, Cláudio Pinheiro Toscano de Melo, em 1985, quando os filhos liberaram a área interna para os comerciantes. Até então, o comércio interno era controlado, havia um reduzido número de barracas fixas dos moradores. O grosso do comércio, principalmente aquele mais voltado ao lado ‘profano’, estava situado fora da porteira do engenho, isto é, após a ponte que cruza o rio Capibaribe e dá acesso ao Santuário. Este comércio externo era então conhecido como *Feira da Cachorra*.¹¹

Hoje, a movimentação garante trabalho informal para muita gente. Estima-se que nos dias de maior movimento o número de barraqueiros chegue a uma média de quinhentos.¹² Em termos de infraestrutura, o espaço não oferece muito. O comércio é

* Festividade com que se comemora a entrada de Cristo em Jerusalém, e que marca o início da semana santa. Dependendo do calendário religioso, pode acontecer no mês de março ou de abril.

desordenado e vende-se de tudo: artigos religiosos, imagens, terços, quadros, pequenos objetos de decoração ou utilitários, roupas, artesanatos, bijuterias, lanches, bebidas, enfim, oferta-se os mais diversos tipos de mercadoria. Aos domingos, o clima de festa pode ser fomentado por emboladores, som eletrônico ou shows com música ao vivo em bares e restaurantes.

Apesar da grande oferta de bares, restaurantes e lanchonetes não se pode dizer que o local seja adequado ao cometimento do pecado da gula, a comida ofertada não vai além do trivial simples, e as condições de higiene também são pouco atrativas. O que se observa é muita animação, onde a música e a dança incorporam plenamente os “hits” dos ritmos profanos mais ao gosto popular.

Até bem pouco tempo, as barracas fixas se concentravam no entorno mais próximo à capela. Hoje podem ser avistadas em áreas mais afastadas. Na verdade, os últimos anos foram de grandes modificações nas terras do Santuário: os três quilômetros que o distanciam da sede municipal foram asfaltados, a antiga e precária ponte em madeira, que cruzava o rio Capibaribe e lhe servia de acesso, foi substituída por uma outra maior em concreto. Confirma-se, portanto, que a atual atividade se apresenta como um relevante agente modificador da paisagem.

Uma pesquisa de Ceci Amorim¹³ revela um pouco mais desse universo. Através do perfil dos comerciantes, sabe-se que o fluxo de visitantes no santuário garante trabalho informal não apenas para os moradores do povoado de São Severino ou do município de Paudalho, se bem que estes sejam a grande maioria, 55%. Mas, representa fonte de renda para residentes nas cidades vizinhas tais como Carpina, São Lourenço da Mata e Limoeiro, e até mesmo algumas mais distantes como Recife e Jaboatão dos Guararapes.

Quanto ao tempo que comercializam no local, o expressivo percentual de 60% apresenta o tempo de atuação entre 2 e 11 anos, e 15% está comercializando há mais de 20 anos. Associando-se este último dado ao período posterior ao falecimento de Cláudio, quando a área interna foi liberada ao comércio de uma forma geral, é viável considerar que estes 15% representariam os antigos moradores do engenho.

Além do comércio local, também impressiona a oferta de serviços que deveriam ser exclusivamente ofertados por agências de viagens legalmente constituídas. Principalmente nos dias de maior fluxo, não é rara a presença de grupos em excursões informais vindos de municípios do próprio estado de Pernambuco, dos estados da

Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Sergipe, Minas Gerais e até mesmo de estados bem mais distantes como Rio de Janeiro e São Paulo.

No que diz respeito à investigação do perfil dos freqüentadores do Santuário de São Severino Mártir do Engenho Ramos, foi considerado um universo composto por cem visitantes – condição que excluiu os comerciantes e os residentes em terras do Engenho – todos maiores de dezoito anos. Assim definido, o dia escolhido para a realização da pesquisa foi o 04 de março de 2007, um domingo, dia da semana em que o Santuário tradicionalmente recebe grande número de pessoas. A amostra da população foi adequada à estimativa de 90% de possibilidade de acerto. Ou seja, a amostragem tem a virtude probabilística de ter grande chance de estar próximo aos parâmetros populacionais, e pequena chance de estar longe deles.

Em relação aos estudos relativos à religiosidade popular, principalmente naqueles referentes aos santuários localizados no Nordeste brasileiro, é comum a afirmativa de que os romeiros viajam em velhos e desconfortáveis caminhões do tipo “*paus-de-arara*”, mas esta não foi a realidade encontrada. O meio de transporte mais utilizado pelos visitantes foi o ônibus fretado, atingindo o percentual de 48%, 25% chega em veículo particular e os demais fazem uso de transportes alternativos como lotações e bicicletas, e não é raro avistar-se grupos de caminhadas. Os “*paus-de-arara*” eventualmente são avistados, mas em número reduzido, tanto que não aprecem na amostragem.

Entre os entrevistados 22% se encontrava no local pela primeira vez, 57 % disse estar no local entre a segunda e décima visita. Muitos tiveram dificuldade em lembrar com precisão o número exato de visitas feitas ao Santuário mas, estimulados a fazer uma estimativa, 15% disse estar no local entre a décima primeira e a quinquagésima visita. 6% afirmou ser impossível recordar exatamente o número de viagens, mas que certamente ultrapassava a casa das cinquenta visitas a São Severino.

Apreende-se que o povo é o mentor e promove os passeios com ou sem a parceria de igrejas ou prefeituras. 98%, ou seja, praticamente todos viajam em grandes grupos compostos por parentes e/ou amigos, vizinhos, membros de uma mesma comunidade religiosa ou qualquer outro tipo de associação.

No campo das motivações, identificam-se como ‘*romeiros*’, resistem ao uso da palavra ‘*turista*’, mas quando colocada a opção ‘*passeio*’ muitos, mais precisamente 58% dos entrevistados, não vacilaram em incluí-lo em suas motivações. Apenas 42% disse estar ali movidos única e exclusivamente pela prática religiosa. O certo é que não

convém definir o espaço sacralizado por fronteiras euclidianas, mesmo porque “O lugar, como categoria filosófica, não trata de uma construção objetiva, mas de algo que só existe do ponto de vista do sujeito que o experiencia”.¹⁴

Para se entender a movimentação e a importância econômica desse fluxo não é suficiente apontar a sua motivação e o seu volume, é necessário perceber sua dinâmica. Durante as pesquisas e observações de campo realizadas no ano de 2006, foram identificados indícios de que, não raro, as visitas ao Santuário de São Severino faziam parte de um roteiro cujo itinerário incluía outros centros devocionais, tais como: Mãe Rainha (Olinda), Frei Damião (Recife) e Santo Cristo (Ipojuca). Com base nesta provocação, a formulação do problema partiu da suposição que estes lugares citados, somados ao Santuário de São Severino, talvez articulados a outros destinos, formavam o que parecia se configurar como pontos de uma rede do sagrado em Pernambuco.

De acordo com o trabalho de campo que privilegiou a aplicação de questionários junto aos responsáveis pelos transportes coletivos que se encontravam nos estacionamento do Santuário a cada primeiro domingo dos meses de janeiro a abril de 2007, chegou-se aos seguintes resultados. No mês de janeiro aparecem como novos pontos *sagrados* da teia o Morro da Conceição (Recife), Nossa Senhora de Lourdes de Umari (Bom Jardim), e Nossa Senhora dos Prazeres (Jaboatão dos Guararapes). A pesquisa realizada em fevereiro mostrou que somente 3% incluíam um outro santuário em seu roteiro, o de Nossa Senhora dos Prazeres, portanto, nenhuma nova articulação foi acrescentada à rede;

O mês de março reservou uma surpresa, 14% dos grupos incluíam o Parque zôo botânico de Dois Irmãos (Recife), curiosamente, a rede foi se configurando além das teias dos espaços sacralizados. O que veio a se confirmar em abril, quando além de Frei Damião, Mãe Rainha e Dois Irmãos os novos atrativos incluídos: Tracunhaém - cidade que tem destaque como um dos maiores centros de produção artesanal, e Pedra do Navio - um afloramento granítico que há décadas vem despertando o interesse dos pernambucanos, ratificando que a tessitura da rede pode ampliar-se além dos centros devocionais.

Os resultados da investigação demonstram que o Santuário de São Severino pode ser visto como um fenômeno social e econômico mais amplo e gerador de redes geográficas. Dentre os modelos de Corrêa é aquela mais intrincada, uma “Rede de Múltiplos Circuitos” que se difere das demais redes por oferecer várias ligações entre um mesmo par de nós, podendo ou não apresentar um centro nodal. No universo deste

estudo o Santuário de São Severino é o centro nodal e as demais ligações são formadas a partir dele.

Segundo a dimensão espacial é uma rede predominantemente regional, eminentemente informal e complexa. A rede formada apresenta padrões de interações múltiplos e conectados através de fluxos de ordens variadas. O Santuário de Frei Damião é o nó de maior frequência, muitas vezes se une a nós de frequência intermediária como o Santuário da Mãe Rainha e mais raramente ao Parque de Dois Irmãos. Em menor frequência, adaptando-se ao calendário de eventos religiosos, a rede se amplia para outros centros devocionais tais como Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora dos Prazeres, Nossa Senhora de Lourdes e Santo Cristo do Ipojuca. Considerando que estes atrativos surgiram na pesquisa de janeiro a abril, é possível inferir que novos nós surjam durante os demais meses do ano.

Devido à facilidade de mobilidade na transposição de fronteiras entre a devoção e a diversão, surgem nós de menor frequência como é o caso de Tracunhaém e a Pedra do Navio, ou seja, os deslocamentos espaciais também podem buscar outros atrativos voltados basicamente à fruição, como qualquer outro segmento do turismo. Os organizadores de excursões entrevistados informaram que a inclusão ou não de outros atrativos acontece tanto por idéia do organizador quanto a pedido dos passageiros, confirmaram também ser o Santuário de São Severino o destino principal dos roteiros. Evidencia-se assim que a religiosidade representa um relevante potencial para o turismo regional, ainda não explorado economicamente pelo mercado formal.

Referências

-
- ¹ LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico.*, 2002, p. 96
 - ² CASTELLS, Manuel. " A era da informação: economia, sociedade e cultura", traz, no primeiro volume, *A sociedade em rede*, 6. ed., São Paulo: Paz e Terra, 1999, p. 67-120.
 - ³ CORRÊA, Roberto Lobato. *Trajetórias geográficas*, 2^a ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001 p. 106-110.
 - ⁴ ROSENDAHL, Zeny. Espaço, Cultura e Religião: Dimensões de Análise, in CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (orgs), *Introdução à Geografia Cultural*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
 - ⁵ DAVID, Solange Ramos de Andrade. *Cultura e religião: uma aproximação*, Acta Scientiarum, Maringá: 2001, p. 233.
 - ⁶ PERRUCCI, Gadiel. *A República das Usinas*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p. 121
 - ⁷ PARAÍSO, Rostand. *Esses Ingleses...* Recife: Bagaço, 1997, p. 74
 - ⁸ Jornal do Commercio, coluna Política, Recife: 05.02.2002
 - ⁹ ABUMANSUR, Edin Sued. Religião e turismo: notas sobre as deambulações religiosas, em *Turismo religioso: Ensaios antropológicos sobre religião e turismo*, 2003, p. 59
 - ¹⁰ Jornal do Commercio, Recife: 24 de março de 2002
 - ¹¹ SANTOS, Damiana Bernardina, antiga moradora, depoimento em 05.04.2003
 - ¹² BARONI, Irani e LOPES, Désirée. *Projeto de planejamento da feira livre em São Severino do Ramos*, monografia de conclusão do curso bacharelado em turismo, Recife: UFPE, 2000, p.11.
 - ¹³ AMORIM, Ceci. Pesquisa inédita realizada por amostragem no dia 13 de março de 2003.
 - ¹⁴ RODRIGUES, Aldyr Balastrieri. *Turismo e espaço*, 2001, p. 32.